



Para conhecer
a santidade
e viver uma
vida santa

A redescoberta da santidade

Alegria e liberdade,
agora e no futuro

2ª edição



J.I. PACKER



A redescoberta da santidade © 2002 Editora Cultura Cristã. © 1992, 1999, J. I. Packer sob o título *Rediscovering Holiness*. Publicado originalmente por Servant Ministries, P.O. Box 8617, 1143 Highland Drive, Suite E, Ann Harbor, Michigan 48107, USA. Traduzido com permissão. Todos os direitos são reservados.

1ª edição 2002 – 3.000 exemplares

2ª edição 2018 – 3.000 exemplares

Conselho Editorial	Produção Editorial
Antônio Coine	<i>Tradução</i>
Carlos Henrique Machado	Elias Dantas Filho
Cláudio Marra (<i>Presidente</i>)	<i>Revisão</i>
Filipe Fontes	Cristiane Alves
Heber Carlos de Campos Jr	Sônia Regina de Souza Daniel
Marcos André Marques	<i>Editoração</i>
Misael Batista do Nascimento	Ponto e Linha
Tarcízio José de Freitas Carvalho	<i>Capa</i>
	Magno Paganelli

P119r Packer, J.I.
A redescoberta da santidade / J.I. Packer; traduzido por Elias Dantas Filho. _ São Paulo: Cultura Cristã, 2018
224 p.
Tradução Rediscovering Holiness
ISBN 978-85-7622-743-4
1. Santidade 2. Teologia I. Título

CDU 27

A posição doutrinária da Igreja Presbiteriana do Brasil é expressa em seus “símbolos de fé”, que apresentam o modo Reformado e Presbiteriano de compreender a Escritura. São esses símbolos a *Confissão de Fé de Westminster* e seus catecismos, o *Maior* e o *Breve*. Como Editora oficial de uma denominação confessional, cuidamos para que as obras publicadas espelhem sempre essa posição. Existe a possibilidade, porém, de autores, às vezes, mencionarem ou mesmo defenderem aspectos que refletem a sua própria opinião, sem que o fato de sua publicação por esta Editora represente endosso integral, pela denominação e pela Editora, de todos os pontos de vista apresentados. A posição da denominação sobre pontos específicos porventura em debate poderá ser encontrada nos mencionados símbolos de fé.



EDITORA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Júnior, 394 – CEP 01540-040 – São Paulo – SP
Fones 0800-0141963 / (11) 3207-7099 – Fax (11) 3209-1255
www.editoraculturacrista.com.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas
Editor: Cláudio Antônio Batista Marra



A

Jim e Rita Houston,

Que também
buscam a santidade



SUMÁRIO

<i>Prefácio</i> _____	7
Capítulo 1 Qual a definição e importância da santidade? _____	9
Capítulo 2 Explorando a salvação: é necessário ser santo? _____	32
Capítulo 3 Valorizando a salvação: o ponto inicial da santidade _____	54
Capítulo 4 Uma visão panorâmica da santidade _____	72
Capítulo 5 Humilhando-se para crescer: a vida de arrependimento _____	95
Capítulo 6 Crescendo na semelhança de Cristo: a experiência cristã saudável _____	125
Capítulo 7 Crescendo em força: a vida cristã com poder _____	159
Capítulo 8 A dura conquista: a disciplina da persistência _____	188
<i>Notas</i> _____	214
<i>Guia de Estudo</i> _____	217



PREFÁCIO

Este livro se desenvolveu de quatro palestras que dei em uma conferência no ano de 1991. A conferência foi patrocinada pela Alliance for Faith and Renewal, uma organização interdenominacional que tem por missão a tarefa de habilitar líderes para a expansão do Reino de Deus e o fortalecimento da vida cristã daqueles a quem lideram.

O formato deste livro reflete a minha convicção de que é preciso dar um basta quanto ao descaso com a questão da santidade pessoal. Mesmo entre os cristãos do Ocidente que continuam crendo na Bíblia, a tendência em tratar este assunto como algo secundário pode ser facilmente observada. Tal tendência não é algo que se deveria esperar, já que as Escrituras insistem que somos chamados para sermos santos, que Deus tem prazer na nossa santidade, mas abomina o nosso pecado, e que, sem santidade, ninguém verá o Senhor. No entanto, o foco do interesse cristão tem mudado, de uma busca por santidade, para o prazer, a realização pessoal, o massageamento do ego e técnicas para o alcance do sucesso, e assuntos públicos que não representam nenhum desafio para os padrões morais de um indivíduo. Tal mudança é triste e escandalosa, e precisa ser revertida.

Com a perda crescente de interesse pela santidade sobrenatural, houve um aumento no interesse pela cura e pelos poderes sobrenaturais do mal contra os quais os cristãos precisam batalhar. Minha esperança é que este grande despertar em relação à realidade sobrenatural nos reconectará, em breve, àquilo que Walter Marshall, o Puritano, há muito tempo chamou de o “mistério do evangelho da santificação”. E me sentirei plenamente recompensado se este livro colaborar para esta reconexão.

Agradeço profundamente à minha filha, Naomi, que, mesmo em detrimento de outras coisas que tinha a fazer, trabalhou duramente para digitar este livro no computador. Agradeço também à minha esposa Kit. Ela prontamente abriu mão do nosso tempo juntos para que este livro fosse escrito.

J. I. Packer
Março, 1992



QUAL A DEFINIÇÃO E IMPORTÂNCIA DA SANTIDADE?*

(...) segundo é santo aquele que vos chamou, tornai-vos santos também vós mesmos em todo o vosso procedimento, porque escrito está: Sede santos, porque eu sou santo.

1Pedro 1.15-16

Segui a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor (...)
Hebreus 12.14

A PERDA DE UM PASSADO PRECIOSO

O relógio do meu avô é uma verdadeira relíquia. Além de marcar as horas, os minutos e os segundos, ele também mostra os dias da semana, os meses do ano e as fases da lua. Encontra-se registrado no seu ponteiro maior, o ano de 1789 – ano da Revolução Francesa e o início do mandato de George Washington como presidente dos Estados Unidos. Estou escrevendo estas palavras no ano de 1991, ocasião em que se comemoram os 200 anos da morte de John Wesley. O nosso relógio nunca parou, se posso colocar nestes termos. Ele é também um relógio musical de um tipo muito inusitado. Além de emitir um som de hora em hora, ele tem um carrilhão interno (instalado sobre um cilindro de cobre, com martelos móveis que batem nos sinos, a cada três horas, tocando uma melodia por três minutos). Reconhecemos duas de suas quatro melodias, pois elas são tocadas até o dia de hoje. No entanto, as outras duas, que parecem músicas sertanejas americanas, são desconhecidas, não somente para nós, mas para todos que as ouviram.

* Recomendamos que se leia antes o Guia de Estudo, p. 214. (N. do E.)

Com o passar dos anos, aquelas melodias foram esquecidas. Isto é realmente triste, porque elas são muito bonitas, e gostaríamos de saber mais a respeito delas.

Da mesma forma, o ensino cristão histórico da santidade tem sido largamente esquecido. Isto também é triste, pois tal ensino é central para a glória de Deus e o benefício das nossas almas.

Há cerca de 60 anos, aprendi na escola, os primeiros versos de um poema escrito por Rudyard Kipling, chamado “O caminho do bosque”. Os versos dizem:

Eles abriram o caminho pelo meio do bosque,
Setenta anos atrás.
O clima e a chuva, mais uma vez, o destruíram.
E agora, ninguém mais sabe que, no passado,
Havia um caminho pelo meio do bosque.

Estes versos ainda me tocam profundamente. Talvez isto aconteça porque eu gosto de passear nos bosques. Muitas vezes, quando me pego lamentando que algo bom tenha se perdido por causa da burrice, falta de cuidado ou negligência (e confesso que, pelo fato de ser tanto um conservacionista quanto um cristão, esta tem sido uma experiência constante), os versos de Kipling vêm à minha mente. Recordo-me deles agora mesmo, ao ver como a igreja está perdendo a verdade bíblica com relação à santidade.

Nossa herança de santidade cristã

Houve um tempo em que todos os cristãos enfatizavam a realidade do chamado divino para uma vida de santidade e também falavam, com grande entendimento, sobre recursos de Deus que nos capacitavam a viver esse tipo de vida. Os protestantes evangélicos, em particular, ofereciam muitas variedades sobre o tema, como as exigências requeridas pela santidade divina, os meios e maneiras pelas quais o Espírito Santo nos santifica e as maneiras pelas quais a santidade aumenta nossa segurança, alegria e proveito na obra divina. Os puritanos insistiram que toda a nossa vida e relacionamentos precisam tornar-se “santos para o Senhor”. John Wesley afirmou para o mundo que Deus levantou o metodismo para “comunicar a santidade bíblica por toda a terra”. Phoebe Palmer, Handley Moule, Andrew Murray, Jessie Penn-Lewis, F. B. Meyer, Oswald Chambers, Horatius Bonar, Amy Carmichael e L. B. Maxwell são apenas alguns dos líderes do “reavivamento da santidade”, que tocou toda a cristandade evangélica por cerca de 100 anos, até meados do século 20.

Do outro lado do movimento divino da Reforma, em uma maneira similar, Seraphim de Sarov (ortodoxo russo), Teresa de Ávila, Ignácio de Loyola, Madame Guyon e Père Grou (todos católicos romanos) ministraram como apóstolos da

santidade. O que John Wesley claramente afirmou, e nós ainda hoje precisamos entender, é que a Reforma Protestante foi bem menos profunda nas questões da santidade e do Espírito do que nas da justificação e do culto.

Como vimos até este ponto, a santidade era ensinada, com o merecido destaque, por toda a igreja. Como é diferente hoje em dia! Ao ouvirmos os nossos sermões, ao lermos os livros que escrevemos e, então, ao contemplarmos as maneiras mundanas, tolas e conflituosas do nosso comportamento como povo cristão, não podemos nem sequer imaginar que houve um tempo em que a estrada da santidade estava claramente delineada para os que criam na Bíblia, de modo que os ministros e o povo sabiam o que a santidade significava e podiam falar dela com autoridade e confiança. Infelizmente, “o clima e a chuva, mais uma vez, a destruíram”. Agora temos de reconstruir e reabrir a estrada, começando realmente do zero.

Lemos no Antigo Testamento que Isaque, forçado a mudar com toda a sua família e bens, “tornou a abrir os poços que se cavaram nos dias de Abraão, seu pai (porque os filisteus os haviam entulhado depois da morte de Abraão)” (Gn 26.18). Com isso, Isaque garantiu o fornecimento de água que permitiu a sobrevivência da sua família, servos, animais e dele mesmo. Ele não explorou o solo na tentativa de achar novos poços, que poderia ou não ter sido bem-sucedida, mas foi direto para os velhos poços. Sabia que ali encontraria água, bastando apenas limpá-los da terra, sujeira e detritos que os filisteus, maldosamente, tinham jogado dentro deles.

As ações de Isaque refletem dois princípios espirituais, aplicáveis de um modo muito objetivo:

1. O retorno à antiga verdade, o que foi um meio de bênçãos no passado pode, pela graça divina, se tornar um meio de bênçãos no presente, enquanto a busca por novas alternativas pode, muito bem, provar-se improdutiva;
2. Ninguém deve ser desencorajado, ao tentar tal retorno, por qualquer preconceito, má vontade ou antipatia que tenha se desenvolvido contra a antiga verdade durante o tempo em que ela não esteve em evidência.

Ao escrever este livro, sigo a orientação desses dois princípios. Não espere encontrar aqui, uma grande novidade. O que farei, com grande satisfação, é basear o seu conteúdo na antiga sabedoria cristã.

O mundo perdido

Sir Arthur Conan Doyle, criador de Sherlock Holmes, também escreveu uma história de aventuras intitulada *O Mundo Perdido*. Nela, o professor Challenger e seus amigos conseguem chegar a uma região, na América do Sul, que todos acreditavam ser inacessível e descobrem ali tanto os dinossauros quanto

um padrão desconhecido de vida humana. A história foi claramente escrita para garotos de 9 a 90 anos, e lembro-me nitidamente de ela ter-me envolvido, acho que aos 10 anos, quando a ouvi, em forma de seriado transmitido pelas estações de rádio na Inglaterra, no programa conhecido como a Hora das Crianças. Terminava com o professor Challenger lutando contra a fria descrença de seus colegas cientistas quando lhes conta o que havia descoberto.

Neste livro, tento testemunhar a respeito do mundo perdido da autêntica santidade cristã. Fico me perguntando se as pessoas acreditarão no que direi sobre a supernaturalização de nossa vida desordenada. Será que meu relato deste padrão desconhecido de vida humana terá alguma credibilidade? Será que serei visto como um tipo de dinossauro espiritual por produzir tais ideias antigas? Não me preocupo. Nas palavras memoráveis de Cary Grant, “uma pessoa tem de fazer o que tem de ser feito”. Para mim, isto significa mover-me, sem demora, para a execução de minha tarefa expositiva, sem me importar se serei levado a sério. Para esta tarefa agora me volto.

ESCOLA DE SANTIDADE, ESCOLA DE ORAÇÃO

Um dos títulos que propus para este livro foi *Com Cristo na Escola da Santidade*. Esse título foi um eco deliberado, quase um furto, do título do livro *Com Cristo na Escola da Oração*, escrito por Andrew Murray, um autor sul-africano bastante apreciado de duas gerações passadas. Adaptei o título de Murray com o objetivo de salientar três verdades que, para mim, são básicas para tudo que me proponho a dizer. (Murray, de fato, concordou plenamente com todas as três de uma forma muito clara em seus muitos livros.)

Primeira verdade

A santidade, como a oração (que é, de fato, parte dela), é algo que, apesar de os cristãos terem um instinto para ela por meio do novo nascimento, como veremos, tem de ser aprendida na – e por meio da – experiência. Assim como Jesus “aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu” (Hb 5.8) – aprendeu o que a obediência requer, custa e envolve por meio da experiência de realmente fazer a vontade do Pai indo até a cruz – assim também, os cristãos devem aprender a orar por meio das lutas e a ser santos por meio das batalhas na busca da pureza de coração e retidão de vida.

Jovens talentosos, que entram em programas esportivos para aprender a jogar tênis, logo descobrem que o centro do processo de aprendizado do esporte não é ficar conversando sobre táticas, mas, na verdade, ir para a quadra e treinar o serviço e os voleios, desenvolvendo, conseqüentemente, novos hábitos e reflexos de modo a aperfeiçoar as fraquezas de estilo. A rotina, que requer um grande esforço,